

Belmiro quer proteger o avanço tecnológico da UE

► COMPETITIVIDADE

BELMIRO DE AZEVEDO defende que os países da União Europeia devem ter uma política integrada de defesa da sua tecnologia, por forma a minimizarem os efeitos do aumento de concorrência, que deriva da transferência de know-how europeu para os países asiáticos.

"Quem comprar tecnologia à Europa terá de respeitar as regras de propriedade intelectual, pagar royalties e utilizá-la da forma fixada pelos contratos", defendeu Belmiro de Azevedo, na qualidade de presidente do Manufuture, o Fórum Industrial Europeu, que decorreu ontem, no Porto.

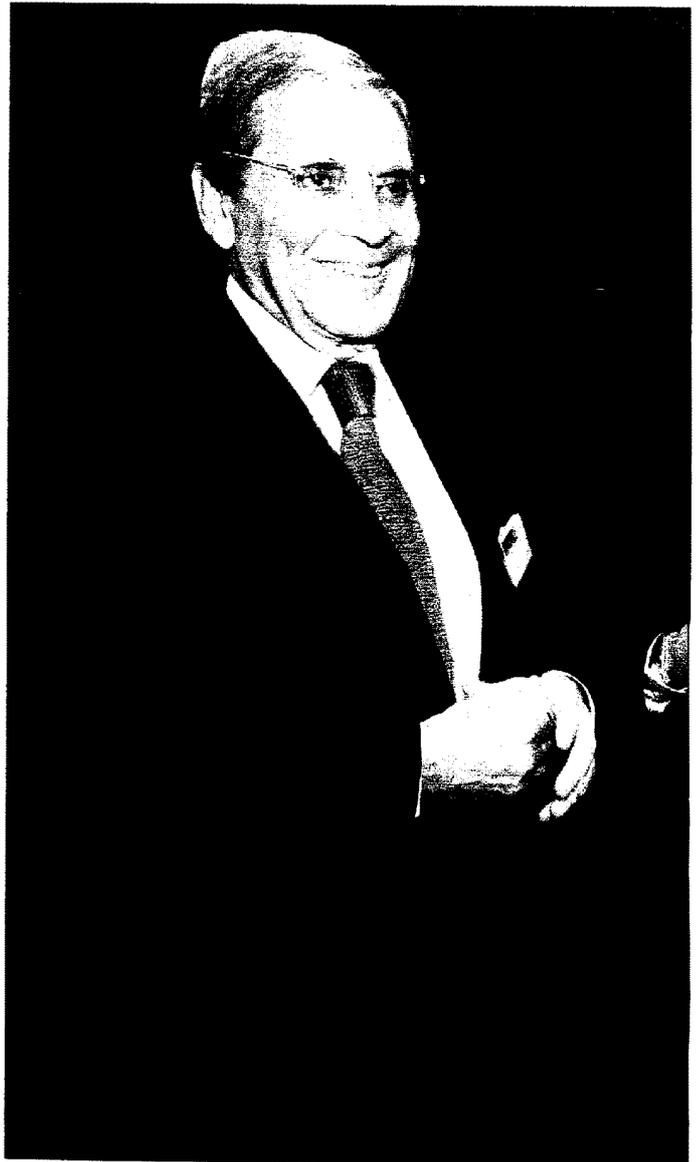
A rapidez dos avanços tecnológicos provoca hoje reacções muito rápidas por parte da China e da Índia, o que leva os empresários de diversos países a queixarem-se de que estão a ser atacados, e depressa demais, pela concorrência desses países", explicou o presidente do grupo Sonae. "Há que gerir um pouco melhor este processo de transferência tecnológica, para dosear essa transferência de poder para países como a China e a Índia." Neste âmbito é necessário "que a Europa funcione como Europa e não como vários países dentro da Europa".

"Não podemos fazer coisas depressa demais, porque senão os chineses ficam competitivos depressa de mais". Neste processo, o empresário destacou, contudo, que o papel central cabe às empresas. "Os institutos, as associações e os governos podem criar algumas condições, mas quem tem de ser competitivo são as empresas, que são quem gera inovação, quem faz e quem vende os produtos", disse.

Na mesma linha, Carlos Costa, vice-presidente da Caixa Geral de Depósitos e outro dos anfitriões da reunião do Manufuture, destacou o facto de a criação ou a manutenção do emprego "depender fundamentalmente da capacidade para produzir melhor, diferente e em condições competitivas, evitando assim uma concorrência a baixo custo oriunda de outros países".

"A indústria europeia só terá futuro se houver uma abordagem que inclua todos os actores do processo de inovação, desde o sistema de investigação ao de educação e às empresas".

"Não há inovação se não se passar do plano das ideias ao dos produtos e se no plano dos produtos estes não forem competitivos e não gerarem valor acrescentado compatível com o nível de salários europeus", concluiu Carlos Costa.



BELMIRO DE AZEVEDO: A tecnologia rende royalties.

Foto Estela Silva/Lusa